



Revista Brasileira de História  
ISSN: 0102-0188  
rbh@edu.usp.br  
Associação Nacional de História  
Brasil

Crespo, Regina Aída  
Cultura e política: José Vasconcelos e Alfonso Reyes no Brasil (1922-1938)  
Revista Brasileira de História, vol. 23, núm. 45, julio, 2003, pp. 187-208  
Associação Nacional de História  
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=26304508>

- Como citar el artículo
- Número completo
- Más información del artículo
- Página de la revista en redalyc.org

redalyc.org

Sistema de Información Científica  
Red de Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal  
Proyecto académico sin fines de lucro, desarrollado bajo la iniciativa de acceso abierto

## Cultura e política: José Vasconcelos e Alfonso Reyes no Brasil (1922-1938)

Regina Aída Crespo  
Universidad Nacional Autónoma de México

### RESUMO

De 1922 a 1938, as relações culturais entre o México e o Brasil conheceram um momento particularmente fecundo, devido em grande parte à atuação de dois intelectuais mexicanos: José Vasconcelos e Alfonso Reyes. A ausência de uma tradição de intercâmbio cultural entre o México e o Brasil fez do âmbito diplomático um espaço fundamental para a aproximação entre os dois países. Como representantes do governo mexicano — e transitando entre as fronteiras muitas vezes difusas da cultura e da política —, Vasconcelos, em 1922, e Reyes, de 1930 a 1938, estabeleceram uma ampla rede de contatos com intelectuais brasileiros e conseguiram fazer do México uma referência cultural e política importante no Brasil, durante o período.

Palavras-chave: México/Brasil; relações culturais; intelectuais.

### ABSTRACT

From 1922 to 1938, cultural relations between Mexico and Brazil had a particularly rich moment basically due to two Mexican intellectuals: José Vasconcelos and Alfonso Reyes. There was no tradition of cultural interchange between Mexico and Brazil; so the diplomatic sphere was transformed into a fundamental space for the approximation between these two countries. As representatives of the Mexican government — traveling between the frequently diffuse boundaries of culture and politics — Vasconcelos, in 1922, and Reyes, from 1930 to 1938, established a wide network of contacts with Brazilian intellectuals and managed to make Mexico an important cultural reference in Brazil, during that period.

Keywords: México/Brazil; cultural relations; intellectuals.

187

### INTRODUÇÃO

Para analisar o tema das relações culturais e intelectuais entre mexicanos e brasileiros durante as décadas de 1920 e 1930, é inevitável enveredar pelo campo da política. Num período em que fatores como a distância geográfica, as dificuldades econômicas e o próprio isolamento político-cultural dificultavam significativamente o intercâmbio entre os países latino-americanos, o âmbito diplomático muitas vezes constituía a única possibilidade de aproxi-

mação. Nesse sentido, pode-se afirmar que os primeiros contatos mais concretos e sistemáticos entre o Brasil e o México deram-se exatamente nesse âmbito. Uma rápida análise retrospectiva das relações diplomáticas entre os dois países nos mostra a existência de duas fases distintas. Na primeira, de 1822 a 1922, os governos se limitaram basicamente a intercambiar enviados especiais, encarregados de negócios. Na segunda, iniciada em 1922, decidiu-se pelo estabelecimento de embaixadas, com uma maior aproximação política, econômica e cultural<sup>1</sup>.

Como veremos a seguir, foi o governo do México que deliberou incrementar sua presença no Brasil, enviando uma Missão Especial às comemorações do I Centenário da Independência, chefiada por José Vasconcelos, Ministro da Educação Pública. A viagem de Vasconcelos em 1922 inaugurou uma etapa de contatos entre alguns intelectuais brasileiros e mexicanos, que se prolongou até a década seguinte, com a presença de outro mexicano célebre, o escritor Alfonso Reyes, como embaixador do México no Brasil.

188

Concentraremos nossa atenção na atuação destes dois personagens, representativos como intelectuais e escritores comprometidos com a ação política. Vasconcelos, como veremos, viajou ao Brasil como embaixador especial. Entre as tarefas que desempenhou, esteve a de difundir as conquistas culturais do governo do presidente Álvaro Obregón, num momento em que o México necessitava de reconhecimento internacional. Dezoito anos depois, foi a vez de Alfonso Reyes chegar ao Brasil, já como embaixador plenipotenciário. Em meio às tarefas de caráter político e burocrático que teve que desempenhar, sempre encontrou espaço para desenvolver uma ampla agenda cultural, não só para difundir a cultura mexicana, como para dialogar com escritores e intelectuais brasileiros. Os dois funcionários mexicanos, cada um em seu momento, buscaram estimular as atividades de intercâmbio e conseguiram criar um espaço para o México dentro do debate político e cultural brasileiro.

#### DOIS ATENEÍSTAS NO BRASIL: ENTRE A CULTURA E A POLÍTICA

Se queremos analisar a ação de José Vasconcelos e de Alfonso Reyes no Brasil é primeiramente necessário localizá-los no panorama político e cultural mexicano. Para isso, é fundamental abrir um parêntese para recordar que os dois autores compartilharam um passado comum de confiança tanto no papel social dos intelectuais, como no caráter libertador da cultura. Vasconcelos e Reyes se conheceram nas reuniões do *Ateneo de la Juventud*, agremiação que, no México pré-revolucionário, reuniu vários jovens intelectualmente promissores em torno da crença no intercâmbio cultural como uma

atividade chave, em termos não só intelectuais como políticos, e na responsabilidade dos intelectuais para torná-lo possível<sup>2</sup>.

Quando jovens, e a partir de sua convivência no *Ateneo*, Vasconcelos e Reyes desenvolveram juntos algumas atividades políticas e intelectuais. Pouco tempo depois, com o início da Revolução, ambos acabaram por inserir-se no aparato estatal mexicano. No entanto, suas trajetórias profissionais foram muito diferentes. Depois de um verdadeiro périplo existencial, Reyes converteu-se em diplomata de carreira, e esta opção propiciou-lhe dedicar-se às tarefas de *scholar*<sup>3</sup>. Já Vasconcelos cumpriu missões diplomáticas de maneira circunstancial, quando ocupava postos mais importantes no governo mexicano e enquanto se preparava para seu voo mais alto (e frustrado) rumo à presidência do país, nas eleições de 1929.

O caso específico da passagem dos dois ateneístas pelo Brasil elucida a diferença que os separava. Como teremos a oportunidade de observar, ainda que Vasconcelos sempre houvesse defendido o intercâmbio cultural como tarefa dos intelectuais, durante sua visita ao Brasil buscou estabelecê-lo dentro de um projeto político mais amplo que, de certa forma, já havia sido posto em prática pelo presidente anterior, Venustiano Carranza, e sua equipe. À inserção mais visível do México no sul do continente, que os carrancistas buscaram conquistar por razões estratégicas, Vasconcelos incorporou a defesa de projetos para a integração cultural e política latino-americana. Em sua viagem, apoiou-se nas necessidades do governo mexicano que, como funcionário, representava, e nas aspirações pessoais de poder que, como político, possuía. Nesse sentido, um resultado importante de seu labor como porta-voz do governo mexicano foi fazer-se conhecer no âmbito sul-americano como um político de projeção. O arrebato embaixador especial cativou as elites intelectuais brasileiras, ocupando as primeiras páginas dos jornais mais importantes da capital do país, com seus discursos integracionistas, ibero-americanistas e de elogio ao novo México que se tentava criar. Num momento em que urgia consolidar o novo Estado mexicano, que havia surgido da Revolução, nada melhor que um bom propagandista de suas conquistas políticas, culturais e sociais.

Quanto a Reyes, é importante observar que, como diplomata de carreira, teve uma conduta distinta da de seu companheiro ateneísta. Evidentemente, procurou desempenhar as tarefas de intercâmbio em grande medida como uma obrigação institucional, de caráter predominantemente político. No entanto, ao longo dos anos que viveu no Brasil como embaixador, assumiu tais tarefas com muito menos urgência que Vasconcelos, e pode-se dizer que as considerou, em grande parte, um instrumento de satisfação intelectual. O prestígio de Reyes como escritor já o antecedia e foi-se incrementando paula-

tinamente, de acordo com a ação cultural que o embaixador desenvolveu na capital do País.

Como veremos a seguir, o Brasil deixou suas marcas em ambos os autores, de acordo, porém, com as especificidades do projeto político e cultural de cada um deles. Abriu-lhes novas perspectivas intelectuais e lhes ofereceu a possibilidade do intercâmbio, de conformidade, contudo, com a dicotomia vivida por todo intelectual-funcionário, que muitas vezes tem que se decidir entre a cultura e a política.

#### JOSÉ VASCONCELOS: UTOPIA E AÇÃO POLÍTICA

Em agosto de 1922, Vasconcelos partiu rumo à América do Sul como embaixador especial do governo mexicano. Acompanhado de uma comitiva que incluía militares, intelectuais e artistas, participou das festas do Centenário da Independência no Rio de Janeiro. Assistiu também à cerimônia de transmissão de poderes do presidente argentino Yrigoyen a seu sucessor Marcelo de Alvear, em Buenos Aires, e visitou o Uruguai e o Chile.

190

Ao regressar, em dezembro do mesmo ano, fez uma parada em Washington para dar uma conferência a respeito da obra educativa em seu país. Os Estados Unidos ainda não haviam reconhecido o governo de Álvaro Obregón (o que fariam apenas em 1924). O secretário da educação, representante do governo Obregón, necessitava apresentar resultados que ajudassem no tão necessário processo de reconhecimento. “O México civiliza-se” poderia ser a síntese de sua conferência de propaganda.

No início de 1923, o *Boletín de la SEP* (Secretaría de Educación Pública) publicou vários artigos sobre a viagem de Vasconcelos. Um ano e meio depois, o autor deixou a SEP e, em 1925, publicou em Barcelona e em Paris *La raza cósmica* em que, além de narrar suas impressões de viagem, desenvolveria a teoria que deu título ao livro e que seria uma espécie de culminação utópica de sua reflexão ibero-americanista<sup>4</sup>. Nela, o ministro anunciava que a quinta raça — a raça cósmica — surgiria como uma civilização refinada, que responderia aos esplendores da uma natureza generosa e cheia de potencialidades. Conquistado o trópico pela ciência, a terra da promessa — Brasil inteiro, Colômbia, Venezuela, Equador, parte do Peru e da Bolívia e a região superior da Argentina — seria uma realidade. E Vasconcelos completava sua imagem recorrendo ao panorama do Rio de Janeiro ou de Santos, que ilustravam o que seria “ese emporio futuro de la raza cabal, que está por venir”<sup>5</sup>.

Não deixa de ser interessante conhecer, passados quase oitenta anos, as magníficas impressões que o ministro mexicano levou de sua viagem oficial ao Brasil e que o estimularam a escrever o seu famoso livro. Em uma terra tão

bonita, “reside la felicidad (...) todo allí es alegría”, diria o extasiado visitante, admirando o Rio de Janeiro (p. 71). Como orador oficial na entrega de uma estátua de Cuauhtémoc (o último imperador asteca) ao povo brasileiro, além de fazer um discurso conclamando os países latino-americanos à união — “nuestra hora ha sonado y hay que mantener vivo el sentimiento de nuestra comunidad”<sup>6</sup> — Vasconcelos estabeleceu um contato mais próximo com o presidente Epitácio Pessoa, a quem elogiou, entre outras razões, pelo fato de haver colocado ministros civis à frente de pastas militares.

Vasconcelos fez várias viagens pelo interior do País. A atmosfera de encanto que o acompanhou em todos os seus trajetos incidiu com muita força em sua avaliação do Brasil. De fato, a tradição colonial que conheceu na Bahia e em Minas Gerais, a riqueza e o dinamismo econômico que encontrou em São Paulo, a beleza natural que admirou no Rio de Janeiro, e a simpatia das pessoas, com a qual se deliciou todo o tempo entre jantares, almoços e visitas turísticas, ajudaram-no a construir um verdadeiro cenário de sonhos. Utilizando o seu vocabulário meticuloso e hiperbólico para definir o que encontrou, Vasconcelos desenvolveu em seu livro uma imagem verdadeiramente idílica do Brasil. As paisagens eram perfeitas, não existia miséria, a gente era amável e o governo era composto de homens cultos.

A explicação que os políticos brasileiros lhe haviam dado, com relação ao peculiar processo de sucessão presidencial, não lhe causou nenhum escândalo. Ao contrário, Vasconcelos a recebeu de bom grado, já que:

191

Los estadistas de San Paulo son impetuosamente progresistas, como la industria que les da el sustento. Los estadistas de Minas Geraes, menos atrevidos, poseen fama de buenos administradores. El presidente Pessoa es de San Paulo y acababa de llevar al Brasil a un verdadero esplendor de progreso. Después vendría el actual presidente Bernardes, gobernador de Minas Geraes, a poner las cosas en orden, como para liquidar y consolidar aquellos avances. Pessoa era el genio; Bernardes es el método que encauza el progreso (p. 103).

O México e suas pugnas entre grupos regionais serviram para que, em 1922, Vasconcelos interpretasse a política brasileira como algo harmonioso: “el hecho es que una y otra provincia [São Paulo e Minas] se complementan, y que en todo el Brasil no hay más rivalidades que el anhelo de servir mejor a la patria” (p. 103).

No texto, escrito em 1925, Vasconcelos sustentava, com relação a Pessoa e a Bernardes, a mesma impressão de amabilidade, espírito nacionalista, bondade e talento (pp. 100, 107). Não chegou a saber ou, talvez, não lhe causasse surpresa — acostumado que estava com os desmandos da política mexicana — que Bernardes havia governado o Brasil sob estado de sítio durante prati-

camente todo o seu mandato, quando o País viveu uma ditadura ferrenha e tentativas de golpe civis e militares importantes. Nem levou em conta que o próprio Pessoa, ao promover os festejos pelo Centenário da Independência, também o havia feito sob estado de sítio<sup>7</sup>.

Com as emissões maciças de moeda ordenadas por Pessoa para a valorização do café, o País sofria os efeitos da desvalorização do câmbio e da inflação. Bernardes iniciaria seu governo nesse estado de insatisfação popular, tendo que enfrentar a oposição militar e os movimentos armados levados adiante pelo tenentismo. Num país com “uma tênue consistência da ideologia de classe”,<sup>8</sup> Pessoa, e depois Bernardes seriam o alvo da insatisfação civil-militar, atuando como verdadeiras personificações da instabilidade social. Apelando à lei que proibia associações “nocivas” ao bem público, votada em 1921, e que representou o golpe fatal ao movimento operário, ambos, Pessoa e Bernardes, ancoraram-se em medidas coercitivas legalizadas e apoiadas na censura à imprensa, que seria cada vez maior<sup>9</sup>. Ora, curiosamente, em 1922, Vasconcelos se comovia, ao

(...) meditar en el proceso de adelanto generoso y continuo de un pueblo cuya vida política es una sucesión de conceptos de Gobierno, realizados dentro del orden, sin el drama de las ambiciones que al chocar destrozan y mancillan a la patria (p. 116).

192

Nas viagens pelo País, o entusiasmado Vasconcelos veria em tudo “una prosperidade deslumbrante y, sin embargo, en sus comienzos”. Essa visão otimista com relação ao futuro do Brasil se ancorava na imagem que Vasconcelos possuía do passado do País: uma sucessão de etapas conformando uma sequência linear e isenta de conflitos, na direção inexorável a um futuro brilhante.<sup>10</sup> Assim, depois da “gran dinastía de los dos Pedros”, Vasconcelos contaria como o Brasil se havia transformado em república:

La propaganda republicana se hizo tan intensa en aquel pueblo esencialmente culto que ganó el corazón del mismo Emperador Filósofo. Entonces, sin ningún alarde y sin molestar a un solo hombre, el emperador abdicó, y los republicanos organizaron su Gobierno inspirados en la escuela filosófica de Augusto Comte. Poco después se abolió la esclavitud, sin combates, mediante la persuasión inspirada de grandes oradores a lo Ruy Barbosa. Tras la libertad de los negros vino como una bendición la prosperidad sin límites (pp. 115-116).

Sem comentar o equívoco quanto à ordem cronológica dos fatos mencionados, Vasconcelos — um autor tão crítico ao positivismo e ao evolucionismo spenceriano — nem sequer consideraria a existência de forças antagô-

nicas nesta sucessão linear de acontecimentos. Os movimentos sociais não tinham lugar em sua versão da história do Brasil. Nela, o imperador abdicou e os militares puderam instaurar a sua república positivista. Os negros foram libertados por obra e graça de grandes oradores — e, nesse caso, Vasconcelos nem cogitou pensar acerca das atrocidades da escravidão, praticada por um povo “essencialmente culto”. A bonança se havia instaurado definitivamente no Brasil e o florescimento desta “prosperidad sin límites” seria contemplada pelo autor nas festas do Centenário, presididas pela “alta mentalidad de Epi-tácio Pessoa” (p. 116).

Vale a pena conhecer as impressões deixadas por suas duas visitas a São Paulo. Vasconcelos surpreendeu-se ao encontrar não uma cidade rústica e afogada pela selva, e sim um lugar em que se estava formando o centro industrial mais importante da América Latina.<sup>11</sup> Ciceroneado pelo secretário de Instrução Pública, Alarico Silveira — “un filósofo” (p. 81) —, conheceu instituições de ensino, ouviu discursos e regozijou-se em saber que nas escolas paulistanas, a exemplo das mexicanas, também se ensinavam danças e músicas populares, num movimento de recuperação cultural continental. O ministro mexicano seria pródigo em seus elogios aos governantes paulistas, “administradores cultos que hacen del poder una ciencia y no política”<sup>12</sup>.

Os poucos e intensos dias passados na capital do Estado fizeram com que Vasconcelos observasse que nem aí nem no Rio de Janeiro havia “uno de estos barrios de pesadilla como el East-Side de Nueva York, o los increíbles arrabales de la capital de México, donde la choza y el muladar completan la miseria de una multitud harapienta” (p. 81). Provavelmente, o embaixador especial não se distanciou dos roteiros oficiais de visita que para ele prepararam os seus atenciosos cicerones, e nem ao menos teve tempo de ler quaisquer das seções de reclamações dos principais jornais da capital (para não citar a imprensa operária), em que a miséria, os problemas sociais, a falta de trabalho e a ausência de infra-estrutura urbana eram temas recorrentes.

No Brasil, Vasconcelos se mostrou eufórico até com relação aos militares. Os brasileiros se distinguiam da “barbárie asteca” com que costumava qualificar seus colegas mexicanos. Todos os generais que conheceu tinham instrução universitária e acadêmica e “las maneras más finas”. Vasconcelos se entusiasmava ao ver na tribuna do desfile militar que os generais brasileiros se haviam postado atrás e não ao lado do presidente e seus ministros civis (p. 127).

Significativamente, o otimismo com que Vasconcelos avaliava o Brasil não encontrava nenhuma similaridade no diagnóstico que faria de seu próprio país. Se no Brasil não havia caudilhos e a harmonia social e o progresso eram tão grandes a ponto de o autor escolher como berço para o surgimento da quinta raça todo o território brasileiro, no México a situação era distinta. Em *La raza cósmica*, Vasconcelos se encarregou de apresentar uma avaliação nega-



tiva e pessimista com relação ao futuro de seu país, que definia como terra de caudilhos e de barbárie. Para isso, baseava-se numa série de comparações entre o México e os países sul-americanos que visitou, especialmente o Brasil.

No entanto, o contraponto do México pós-revolucionário com o Brasil que, como embaixador, Vasconcelos conheceu numa sucessão de festas e eventos oficiais, serviria menos para que o autor elaborasse um retrato fidedigno do País visitado e, muito mais, para que se munisse de elementos para construir sua utopia. A busca de um lugar para a criação do que pretendia que fosse, como veremos, a etapa definitiva da história da humanidade, faria com que Vasconcelos criasse uma imagem do Brasil já próxima do que antevia como a sociedade ideal. Vasconcelos propugnava a necessidade de uma “verdadeira elite” condutora. Em seu deslumbramento com o Brasil, tratava de buscar aí tal elite e, de certo modo, a encontrava nos políticos civis que o governavam. Isso ajuda a explicar a sua displicência com relação aos eventos históricos e às análises políticas conjunturais. Para construir o mito da unidade ibero-americana, necessário à preparação da última etapa da história humana, o mexicano não se preocupava com os detalhes da política<sup>13</sup>.

Vasconcelos estava empenhado, acima de tudo, em realizar o projeto filosófico-cultural que havia elaborado. Por isso, sua preocupação-chave, nos anos em que dirigiu a SEP, foi conseguir manter seu orçamento em patamares elevados, apesar da alquebrada economia mexicana e dos conflitos armados que obrigavam o governo a mudar constantemente suas prioridades orçamentárias. Como um dos homens fortes do governo pós-revolucionário de Álvaro Obregón, tratava de fazer de seu trabalho uma vitrina do novo país que se estava construindo e cujos resultados poderiam, numa espécie de “política cultural de exportação” aos países latino-americanos, chegar até a unificá-los sob a liderança mexicana. Tal conduta ajuda a explicar por que questões conjunturais como o voto secreto e optativo e a conformação de um sistema sólido de partidos, temas que ocupavam os políticos e intelectuais brasileiros de matriz liberal, não preocupavam Vasconcelos nesse momento, nem como ministro de Estado, por um lado, e nem, por outro, como criador da utopia da raça cósmica.

Além disso, é fundamental analisar a viagem de Vasconcelos ao Brasil dentro do plano que o governo mexicano vinha desenvolvendo no sentido de apagar a imagem negativa ou perigosa associada ao país, a partir do início do processo revolucionário.<sup>14</sup> Diante de sua permanentemente delicada relação com os Estados Unidos, com o risco iminente de ingerências e mesmo de intervenções diplomáticas ou militares desse país em seus assuntos internos, o governo mexicano necessitava estabelecer um sistema de propaganda que atraísse a simpatia internacional. A invasão do porto de Veracruz por tropas norte-americanas, em 1914, fez com que o governo mexicano percebesse a

necessidade de enfrentar os poderosos vizinhos também no terreno da propaganda, tratando de neutralizar a atuação de suas agências de notícias, por intermédio das quais os Estados Unidos se encarregavam de divulgar uma imagem negativa do México revolucionário por toda a América Latina.

A partir da infrutífera reunião diplomática de 1914, em Niagara Falls, chamada pelos Estados Unidos para resolver o impasse da invasão norte-americana, os países do ABC (Argentina, Brasil e Chile) cresceriam de importância no panorama das relações entre o México e os Estados Unidos. Com uma atuação diplomática fundamental para o reconhecimento do governo de Carranza por seus vizinhos, em 1915, os três países seriam o alvo preferencial da política de propaganda que o governo mexicano iniciaria. O ateneísta Isidro Fabela, ministro extraordinário junto ao ABC, foi encarregado de reorganizar o serviço exterior mexicano e de enfrentar a nociva influência dos Estados Unidos, mediante a criação de um sistema de informações entre o México e suas representações diplomáticas.

O plano de propaganda do governo mexicano iniciou-se com Carranza e se completou com Obregón. A estratégia de aproximação do México com a América Latina (principalmente com os países do ABC) implicava estimular a ampliação dos seus laços culturais. As representações diplomáticas deveriam funcionar como centros culturais e informativos, em estreita relação com a imprensa local. Requisitou-se o apoio de intelectuais de prestígio, que atuaram no corpo diplomático ou como embaixadores especiais. Assim, o ateneísta Antonio Caso, a exemplo de Vasconcelos, foi enviado à América do Sul como embaixador extraordinário. Em suas viagens (1921 e 1924), Caso deu conferências no Rio de Janeiro, em Buenos Aires, Montevidéu e Santiago, tratando de difundir as transformações que a Revolução havia realizado no plano filosófico e no cultural.<sup>15</sup> Vasconcelos, por sua vez, seria recepcionado no espaço consagrado da Academia Brasileira de Letras, onde leria a conferência *El problema de México*, reproduzida e elogiosamente comentada pela imprensa carioca.<sup>16</sup>

Assim, podemos concluir que, segundo a campanha publicitária desenvolvida pelo serviço exterior mexicano, a Revolução Mexicana, embora houvesse ocasionado uma profunda comoção social, representava também um elemento de transformação e reconstrução nacional que, em última instância, representaria a melhoria do país. Em suas viagens oficiais, os ateneístas Caso e Vasconcelos buscaram apresentar o lado construtivo do processo revolucionário. Como grandes ideólogos identificados exatamente com a etapa criadora de tal processo, ao serem recepcionados como representantes oficiais, conseguiriam divulgar uma imagem positiva do México que se estava reconstruindo, conquistando espaço em muitos jornais, e o apoio dos centros intelectuais e acadêmicos dos países que visitaram.

É fundamental ressaltar que o governo mexicano procurou marcar a pre-

sença do país nas comemorações do Centenário da Independência do Brasil. A entrega da estátua de Cuauhtémoc, a construção do pavilhão mexicano em estilo colonial, com exposição de artesanatos e orquestras de mariachis e as conferências e visitas de Vasconcelos contribuíram para dar grande destaque à participação do México<sup>17</sup>.

Vasconcelos, como representante do governo mexicano, cumpria a tarefa de fazer propaganda de seu país, ressaltando o trabalho cultural e educativo sob sua direção. Simultaneamente, como filósofo e ibero-americanista, tratava de colher elementos para a formulação de seu pensamento, que resultaria na teoria da raça cósmica. E, por último, como político, procurava consolidar sua imagem de líder (tanto entre os mexicanos quanto entre os brasileiros e hispano-americanos).

No Brasil idílico que havia criado, Vasconcelos vislumbrava o berço de uma nova civilização, e trataria de buscar nessa paisagem ideal elementos que fossem expandíveis para todo o conjunto da América Latina, contemplando-o na sua utopia de uma melhor — e definitiva — etapa na história humana. Por isso, Vasconcelos trataria de procurar identidades que fizessem com que elementos distanciadores, como a barreira lingüística, perdessem grande parte de sua importância e a América Ibérica se enxergasse unida. Tal união, se a longo prazo daria vazão à utopia da raça cósmica, no presente mais imediato faria frente às ameaças da política expansionista norte-americana.

196

Na realidade, podemos considerar que, ao propugnar a união ibero-americana, Vasconcelos pensava generosamente na utopia futura, mas simultaneamente a imaginava como uma arma eficaz contra os Estados Unidos, o Caliban do norte, com os ibéricos finalmente unidos contra os saxões. Quanto ao seu papel pessoal, Vasconcelos provavelmente não se conformaria apenas com a posição de mentor intelectual de um plano político e ideológico de alcance tão vasto. Além de pensador, Vasconcelos era fundamentalmente um político, ligado, no momento, à esfera mais alta do governo mexicano, envolvido na estabilização política do país, com vários planos a serem desenvolvidos nas áreas cultural e social e, principalmente, com ambições de expandir o seu papel de líder. Se pretendia a construção de uma América Latina unida, provavelmente planejava para si um papel de destaque, senão de protagonista, neste longo e importante processo.

Depois que regressou ao México de sua viagem ao Brasil, Vasconcelos começou a conhecer o declínio político, do qual já não conseguiria fugir. Com muitas idéias na cabeça e com sua peculiar — entre paternalista e autoritária — maneira de criar e administrar grandes projetos, Vasconcelos viu-se aprisionado pela própria máquina política de Obregón que, talvez por não poder contê-lo, obrigou-o a se demitir. Vasconcelos, que tantas razões havia tido para louvar as maravilhas que conhecera no sul do continente, acabou por fazer

de todas elas uma espécie de material ficcional. *La raza cósmica* de certa forma materializaria não apenas a euforia do filósofo, mas o fracasso anunciado do político que, por não poder pôr em prática suas grandes idéias acabou por transformá-las numa utopia muito próxima da literatura.

É curioso notar que, em seu afã latino-americanista e integracionista, Vasconcelos chegou a convidar vários jovens intelectuais latino-americanos a visitar o México e a vislumbrar por si mesmos as transformações que ele próprio estava implantando no país. Um brasileiro esteve lá a convite do ministro. De sua viagem ao México, Ronald de Carvalho, jovem poeta e futuro diplomata, levou ao Brasil elementos importantes que serviram de matéria-prima para *Toda a América*, seu livro de poemas mais importante<sup>18</sup>, e para *Imagens do México*, uma pequena coletânea de crônicas sobre sua visita àquele país, onde acompanhou Vasconcelos em suas andanças e conheceu os seus feitos como ministro da educação<sup>19</sup>.

Se Carvalho de certa maneira sofreu a influência da euforia de Vasconcelos, coletando, como ele, elementos para textos de apologia, um outro brasileiro, muitos anos depois, conheceria a face amarga e rancorosa do ex-ministro e candidato derrotado à presidência do México. Em 1957, Érico Veríssimo visitou o México e também transformou o que viu num livro de relatos e memória<sup>20</sup>. O capítulo que dedicou a uma série de colóquios com Vasconcelos apresenta aos leitores a avaliação amarga que o antes fulgurante ministro acabou fazendo de seu próprio país, e sua enorme descrença acerca do futuro da América Latina.

#### ALFONSO REYES: LETRAS E DIPLOMACIA

Em 1927, quando passou pelo Rio de Janeiro rumo a Buenos Aires, Alfonso Reyes deixou-se seduzir por sua exuberante paisagem. Numa carta ao jovem poeta Carlos Pellicer, que havia estado no País como membro da comitiva de José Vasconcelos, cinco anos antes, Reyes se refere aos seus versos, nos quais as marcas do Brasil são memoráveis:

Recibí su carta en México e no quise contestarla hasta no ver Rio de Janeiro, la bahía, el Pan de Azúcar, —todo me trajo recuerdos de sus viajes, de sus gustos, de sus charlas, de sus versos. (...) todo lo encontré brumoso y tiritando de invierno, pero con todo magnífico, olímpico, soberbio<sup>21</sup>.

No entanto, apesar do entusiasmo de Reyes, sua carta continha uma observação significativa acerca do contraste entre os dois países e as duas culturas:

¡Si no fuera por la Historia, que es nuestro interior veneno — sombra de la Geografía o su enemigo directo! No nos basta ya el paisaje: lo que queremos son recuerdos. Al fin somos mexicanos — o ruínas, o monumentos<sup>22</sup>.

A sintética comparação que Reyes estabeleceu entre os dois países, como se consubstanciassem uma competição entre a História e a Geografia, explica por que, no início de sua estada no Brasil, aferrou-se ao registro escrito da magia da paisagem. Afinal, no Rio de Janeiro Reyes não pôde encontrar — nem apreciar — o peso simbólico de uma arquitetura rica e diversificada, como a da Cidade do México, que refletisse o passar do tempo exatamente como o domínio da Geografia pela História e a preservação da História como prova de tal domínio.

Durante seus primeiros tempos de Brasil, em vez de expressar o mesmo entusiasmo de Vasconcelos, Alfonso Reyes foi parco e reticente em sus impressões. Recém chegado da efervescente Buenos Aires, onde havia sido embaixador, e depois de haver vivido muitos anos na Europa, o mexicano teve que se adaptar ao País, e só quando se acostumou ao seu novo ambiente é que pôde ir paulatinamente se envolvendo em aspectos mais profundos da cultura brasileira.

198

Alfonso Reyes desembarcou no Rio de Janeiro no dia 16 de março de 1930 para assumir o posto de embaixador plenipotenciário do México no Brasil (Reyes, Alicia, 1997, p. 252)<sup>23</sup>. É interessante analisar a relação de Reyes com o Brasil, pois a partir dela podemos refletir sobre essa espécie de choque ou oposição entre elementos em certa maneira díspares — as forças da natureza e a ação da cultura, o desfrute e o trabalho, o êxtase e a reflexão crítica — que o escritor parece haver sentido. Ora, como veremos a seguir, a euforia que marcou sua carta a Pellicer, em 1927, logo se transformou em algo muito distinto:

Esta es tierra divertida para turistas, nada más. (...) Siento que nada hay de común entre esto e yo. (...) Es cierto que apenas llego, pero ¡qué diferencia en París, en Buenos Aires. (...) no he tenido el gusto de ver a una sola persona que valga la pena<sup>24</sup>.

Ainda que a intensidade das queixas de Reyes possa nos parecer um tanto incômoda, o importante a mencionar é que, apesar de haver pintado um quadro tão negativo do Brasil e de sua gente, Reyes sempre procurou inserir-se em sua vida cultural. Em primeiro lugar, dedicou-se a um novo tipo de exercício intelectual: analisar a cultura ibérica em suas duas manifestações lingüísticas —o português e o espanhol— e analisá-la considerando a sua bi-

furcação inevitável no que se poderia definir como duas Américas distintas, a hispânica e a portuguesa (parentes, mas não irmãs). No que se refere ao primeiro tema, o das línguas, Reyes manifestou um profundo interesse na sua discussão<sup>25</sup>.

Quanto ao segundo tema, o das duas Américas, é necessário considerar o trabalho paciente e tenaz de aproximação que o embaixador soube realizar. Para desempenhar muitas de suas funções diplomáticas, Reyes teve que mergulhar na cultura brasileira, que era nova e desconhecida para ele. Isso significou, entre outras coisas, que teve que buscar compreender e ter paciência para descobrir quais eram os monumentos de cultura dentro de uma paisagem cuja exuberância natural não guardava grandes edifícios que preservassem a tradição ibérica e tampouco escondia ruínas de imponentes civilizações passadas. A constatação de que realmente havia vida intelectual no Brasil e de que a suposta oposição entre vida inteligente e prazer contemplativo podia transformar-se em convivência criadora parece tê-lo tirado, pelo menos em parte, de seu pessimismo inicial.

Como diplomata e escritor, Reyes tinha que se dedicar à interlocução. Se no começo sentia que não havia ninguém que valesse a pena conhecer, aprendeu a construir uma vida intelectual e social importante, da qual participavam não só brasileiros como estrangeiros. À medida que se envolvia nas atividades culturais e políticas do País, Reyes se deu conta de que seu panorama cultural e político era muito mais complexo do que havia pensado e que, por trás do que parecia uma falta de interesse com relação ao exterior, havia um importante movimento nacional de produção cultural e artística. Mais que isso, havia uma preocupação generalizada entre os intelectuais e artistas com os quais passou a conviver em compreender e explicar seu próprio país, o povo brasileiro e sua cultura.

O período em que esteve no Brasil foi, de fato, de uma grande efervescência cultural e política, que gerou algumas mudanças importantes no contexto nacional. Não é necessário recordar que poucos meses depois de sua chegada, em outubro, explodiu a chamada “Revolução de 1930”, que marcou o começo da dilatada permanência de Getúlio Vargas no poder. Reyes acompanharia, de 1930 a 1936, todo o processo de rearticulação das forças políticas e, simultaneamente, do redimensionamento da produção intelectual e artística no Brasil.

À parte sua intervenção em missões diplomáticas proeminentes<sup>26</sup>, a participação de Reyes na vida cultural e política da capital brasileira foi efetivamente prolífica. O embaixador esteve presente em uma série de eventos culturais importantes junto à comunidade intelectual brasileira e soube contribuir para estimular a discussão de políticas de aproximação entre o Brasil e os países his-

pano-americanos. Nesse sentido, é importante destacar que Reyes se relacionou com intelectuais, jornalistas, professores e estudantes vinculados a organizações, grupos e partidos políticos dos mais variados matizes ideológicos.

Em 1933, por exemplo, o então estudante Carlos Lacerda (futuro opositor de Vargas, de Kubitschek, e um dos principais articuladores civis do golpe militar de 31 de março de 1964) convidou-o com insistência a dar conferências na associação de estudantes de que participava. A associação planejava nada mais nada menos que criar uma nova base espiritual capaz de apoiar e desenvolver outras concepções dos problemas do País. Lacerda sugeria que Reyes falasse sobre o México e completava o seu convite anunciando: “Isso é um começo. Para continuar, precisamos de auxílio. Esse auxílio é, por exemplo, a sua palavra sempre esperada e sempre aceita e admirada”<sup>27</sup>. Um ano antes, em 1932, a poeta Cecília Meireles, integrante de um grupo de professores preocupados com a renovação educacional do País, foi enfática em sua admiração por Reyes. Segundo ela, o Brasil precisava estabelecer um intercâmbio espiritual e expandir suas relações com os povos do continente. Sua juventude buscava o universalismo e, para alcançá-lo, necessitava de um guia. Este guia era Alfonso Reyes<sup>28</sup>.

200

É importante destacar que o campo de interesses do embaixador mexicano era suficientemente amplo para abrigar amigavelmente jovens como Lacerda e poetas como Manuel Bandeira e Ribeiro Couto que, a exemplo de Cecília Meireles, sentiam-se ligados ao mexicano não apenas pelo seu trabalho com as palavras, mas também pelo interesse por temas literários e culturais relacionados à América Latina. A consulta à correspondência do autor comprova que a questão do intercâmbio cultural foi tema constante em suas cartas a Bandeira e a Couto.

Reyes investiu muito trabalho e tempo nas tarefas de difusão e conseguiu um resultado importante nesse campo, com a edição de seu correio literário *Monterrey*.<sup>29</sup> Com essa publicação, além de divulgar aspectos da literatura e da cultura mexicanas entre os brasileiros, pôde tornar públicas suas próprias preocupações intelectuais e literárias. Em *Monterrey*, os temas mexicanos se faziam acompanhar pela análise de questões referentes à América Latina e a temas e autores relacionados à literatura ocidental.

A ausência do Brasil em sua publicação poderia servir para relativizar a imagem que se costuma associar a Alfonso Reyes como o construtor de uma sólida ponte cultural e literária entre o México e o Brasil<sup>30</sup>. Nesse sentido, se é certo que o diplomata se preocupou em consolidar uma imagem positiva da cultura mexicana entre os brasileiros, e o intelectual, em estabelecer um círculo importante, conformado por muitas personalidades de peso no mundo da cultura e das artes, pareceria que o escritor se esqueceu de refletir sobre a

produção literária brasileira e de oferecer sua pequena publicação às tarefas de intercâmbio. Penso que é necessário analisar a relação de Reyes com o Brasil, considerando que ela se plasmou de maneiras distintas, devido exatamente ao exercício de cada um dos papéis que teve que desempenhar no País: diplomata, intelectual e literato (crítico e escritor). Assim, poderíamos entender por que, paralelamente ao cumprimento de suas tarefas diplomáticas, Reyes pôde cultivar em *Monterrey* um espaço particular, destinado aos seus interesses culturais e à reflexão de temas especificamente relacionados à sua própria trajetória literária. Por isso, difundiu sua revista entre os brasileiros, mas não falou sobre eles.

Vivendo a dicotomia permanente de ser um escritor dedicado à política, com o passar do tempo Reyes teve que defender sua posição entre os protagonistas do mundo literário mexicano, ainda que a distância. O projeto de regressar ao México depois da carreira diplomática explica, de certa forma, por que Reyes decidiu não incluir em sua revista a discussão de questões que não estivessem intimamente relacionadas com o México, ou, quando muito, com a América Hispânica. Vários anos depois de Vasconcelos haver defendido políticas de integração cultural para a América Latina, Reyes decidiu não ultrapassar as fronteiras lingüísticas e culturais entre o México e o Brasil em seu veículo editorial. Diplomata de prestígio, interlocutor atento e difusor cultural competente, Reyes soube separar todos esses interesses e pôde fazer de *Monterrey* uma espécie de passaporte intelectual de regresso ao seu país.

201

Isso não quer dizer, porém, que o Brasil não haja influenciado sua produção especificamente literária. Ao contrário, as marcas do Brasil se registraram de maneira rica e incisiva na obra que escreveu durante sua permanência no País. Poderíamos dividi-la, *grosso modo*, em crônicas de circunstância e pequenas ficções, algumas dispersas e outras reunidas em *História natural das laranjeiras*<sup>31</sup> e em *Quince presencias*,<sup>32</sup> além de vários poemas reunidos pelo autor em sua *Constancia poética*.

É importante observar que o autor foi incorporando aos seus poemas brasileiros os elementos embriagantes da paisagem tropical e uma certa imagem de sensualidade e erotismo, mesclada a temas populares e folclóricos. Talvez a fusão de todos estes elementos expresse mais sua experiência de vida no Brasil que a própria evolução de sua produção literária. No entanto, estes poemas “brasileiros” contribuem indubitavelmente para dar cor e sabor ao seu disciplinado labor poético.

A título de exemplo, merecem menção alguns versos seus, em que a fusão entre paisagem e sensualidade se consolida. Neles, as forças da natureza vão conformando, numa atmosfera simultaneamente mítica e sagrada, o ambiente arrebatador do Rio de Janeiro:



Regina Aída Crespo

[...]  
Hubo una vasta plenitud de entraña  
y un latido animal por la bahía,  
[...]  
¡Oh, salta, Adán marino! Oh sangre, brota  
y chorrea en el ímpetu gozosa  
sobre los flancos de tu Eva única!  
  
Sopla el viento nupcial su caracola  
y doblan los retumbos de las olas  
desde la catedral del Pan de Azúcar.

Guanabara<sup>33</sup>

Em 1938, Reyes voltou definitivamente ao México. A partir da reintegração à terra que abandonara havia mais de vinte anos, seus contatos com o Brasil se limitariam às cartas —cada vez mais escassas, para tristeza de Reyes— e à publicação (e republicação) em jornais, livros e revistas mexicanos, dos textos que escreveu sobre a cultura, a economia, a história e o cotidiano do Brasil<sup>34</sup>.

202

#### A TÍTULO DE CONCLUSÃO

A passagem de José Vasconcelos e de Alfonso Reyes pelo Brasil oferece uma série de elementos para pensar na relação dos mexicanos com este país e também dos brasileiros com o México. Como já indicamos, poderíamos tomar estes dois autores como exemplos paradigmáticos da íntima relação entre a cultura e a política, propiciada pelo contexto mexicano dos anos 1920 e 1930. Os dois antigos companheiros de juventude marcaram sua presença no Brasil como funcionários que não haviam abdicado de seus interesses intelectuais. Este fato foi fundamental tanto para a passagem meteórica de Vasconcelos pelo País, em 1922, como para o longo período de atividades diplomáticas que Reyes cumpriu no Rio de Janeiro, a partir de 1930. Tanto Vasconcelos como Reyes conseguiram garantir um espaço de visibilidade para o México no Brasil e, de acordo com o projeto político e cultural no qual cada um deles se inseria, puderam ajudar a difundir o Brasil no México.

Uma iniciativa nesse sentido foi a ampla campanha de divulgação que Vasconcelos orquestrou em sua visita ao Brasil, que teve como fruto não apenas a produção de seus próprios livros, como os de outros autores seduzidos por seu projeto ibero-americanista, como foram os casos do mexicano Carlos Pellicer e do brasileiro Ronald de Carvalho. Num momento em que as po-

líticas integracionistas pareciam estrategicamente importantes para os governos latino-americanos, a visita de Vasconcelos propiciou um espaço importante, ainda que fugaz, para o seu debate no Brasil.

Quanto à ação de Reyes, já na década seguinte, é possível afirmar que, ao cumprir com seu papel de grande animador cultural, o escritor-embaixador pôde responder às demandas de intercâmbio intelectual próprias do período. Por um lado, o governo mexicano já havia conquistado reconhecimento internacional suficiente e já não necessitava que seu corpo diplomático atuasse de maneira quase publicitária. Por outro lado, se o próprio Reyes constatou um grau significativo de isolamento e, inclusive, de desinteresse pelo estrangeiro entre os intelectuais e artistas brasileiros, a conduta que adotou foi suficiente para aproximá-lo do ambiente cultural e artístico do País, para que estabelecesse algumas relações intelectuais duradouras e para que mantivesse o México como uma referência importante, em termos culturais, no Brasil.

## NOTAS

<sup>1</sup>Na cronologia das relações diplomáticas entre Brasil e México, em sua primeira etapa, merecem registro os seguintes acontecimentos:

**1822** Ocorrem os primeiros contatos e troca de correspondência entre representantes dos dois países, no Reino Unido e nos Estados Unidos, a respeito do estabelecimento de relações.

**1831** O governo mexicano designa um Enviado Extraordinário junto às Repúblicas do Sul e do Império brasileiro. Residente em Lima, o representante mexicano não chegou a se apresentar no Brasil.

**1833** O governo brasileiro designa um Encarregado de Negócios no México. Este, que foi o primeiro representante habilitado entre ambos os governos, apresentou credenciais ao presidente Antonio López de Santa Anna em maio de 1834. Sua missão encerrou-se em outubro de 1836, pois o México atravessava uma fase de grande agitação política interna (secessão de Texas) e dificuldades econômicas (endividamento com o Reino Unido e a França). Além disso, a inexistência de uma colônia brasileira no México e de interesses comerciais específicos não justificavam a manutenção de uma representação permanente no país.

**1865** Durante a intervenção francesa no México (1864-67), o imperador Maximiliano designa um Enviado Extraordinário junto ao Império brasileiro. O primeiro representante do governo mexicano no Brasil apresentou credenciais em fevereiro de 1865, mas teve que se retirar do País em fevereiro de 1866, frustrado com o acolhimento pouco entusiasta recebido das autoridades brasileiras. Apesar dos laços familiares entre Maximiliano e Pedro II (primos), o governo brasileiro viu com reservas a intromissão francesa em assuntos americanos e a criação do império mexicano.

**1890-1922** Em janeiro de 1890, Porfirio Díaz reconhece a República brasileira. De 1890 a 1922, mantêm-se Legações Diplomáticas na Cidade do México e no Rio de Janeiro. HUERTA SERRANO, Ma. Guadalupe & CASADO ÁLVAREZ, Miguel. *Relaciones diplomáticas México-*

*Brasil 1822-1959. Guía documental.* México: Archivo Histórico Diplomático Mexicano, Secretaría de las Relaciones Exteriores, Embaixada do Brasil, 1994.

<sup>2</sup>O *Ateneo de la Juventud* surgiu da *Sociedad de Conferencias*, fundada pelo jovem arquiteto Jesús T. Acevedo em 1907. Em 1909, passou a se chamar *Ateneo de la Juventud* (como ficou consagrado) e, em 1912, sob a presidência de Vasconcelos, mudou seu nome para *Ateneo de México*. O Ateneo forneceu ao México filósofos, poetas, pintores e políticos, chegando a contar com 69 integrantes (MATUTE, Álvaro. *El Ateneo de la Juventud: grupo, asociación civil, generación.* In: *Mascarones: Boletín del Centro de Enseñanza para extranjeros.* México: UNAM, n.2, primavera, 1983). Ainda que não compusessem um grupo ideologicamente homogêneo, nem nada que se assemelhasse a uma associação harmoniosa e fraterna, os ateneístas tiveram uma participação marcante na política e na vida cultural mexicana e conseguiram, inclusive, fazer discípulos. No fluxo pós-revolucionário, em que a reorganização do aparato estatal, do sistema econômico-financeiro e da educação se fazia urgente, e quando a organização sindical tomava corpo, os ateneístas e seus sucessores cumpriram um papel importante.

<sup>3</sup>Seu pai, o general Bernardo Reyes, apoiou o golpe de Victoriano Huerta contra o presidente Francisco I. Madero. No início do que ficou conhecido como *la decena trágica* (dez dias de guerra civil que assolaram a Cidade do México, como decorrência do levantamento de Huerta, de 9 a 19 de fevereiro de 1913), Bernardo Reyes foi assassinado. A permanência de Alfonso no país complicou-se e ele viajou à Europa, onde acabou por aceitar um posto diplomático.

<sup>4</sup>Vasconcelos publicou *La raza cósmica* no exílio, depois de haver deixado o posto de ministro, perdido as eleições para o governo do Estado de Oaxaca e sobrevivido com dificuldades à frente da revista *La Antorcha*, que havia fundado em outubro de 1924. Em 1926, também no exílio, publicou *Indología*, livro que reunia sete conferências sobre a cultura ibero-americana. *Indología* veiculava um prólogo de 58 páginas, em que o autor anunciava suas conferências como uma ampliação do que havia tratado em *La raza cósmica* e narrava sua viagem às Antilhas, num estilo próximo ao que usaria posteriormente para escrever seus tomos de memórias, misturando recordações, crítica política, observações estéticas e análise sociológica.

<sup>5</sup>VASCONCELOS, José. *La raza cósmica: Misión de la raza iberoamericana.* 16.a ed. México: Espasa-Calpe, 1992, p. 34. Todas as menções a *La raza cósmica* se referem a esta edição. As próximas referências da obra no corpo do texto aparecerão acompanhadas apenas do número da página.

<sup>6</sup>VASCONCELOS, José. *Memorias.* México: Fondo de Cultura Económica, 1993, Tomo II (*El Desastre*), p. 97.

É importante notar que Vasconcelos mudou de opinião com relação à sucessão presidencial brasileira quando escreveu suas memórias. Ao comentar o papel de Obregón que, em 1924, em lugar de retirar-se à vida privada, depois de entregar o governo ao ganhador de

eleições limpas, havia decidido continuar interferindo, impondo o nome de Calles, Vasconcelos afirmaria que “acababa de ver en Brasil las funestas consecuencias del continuismo, que traslada el poder del Presidente a uno de sus ministros. Excluye este sistema toda posibilidad de que el Gobierno nuevo revise los actos del anterior y exija responsabilidades” (Vasconcelos, José. *Op.cit.*, 1993, p. 134). De fato, a situação brasileira se assemelhava ao que se passaria com o México, na sucessão de Obregón. No México, porém, os conflitos armados voltaram a se repetir, pois a indicação de Calles não foi consensualmente aceita. Já no Brasil, este modelo peculiar de continuísmo, apesar de suscitar alguns conflitos, se manteve até 1930.

<sup>8</sup>CARONE, Edgard. *A República Velha* (evolução política). São Paulo: DIFEL, 1971, p. 368.

<sup>9</sup>*Idem*, p. 369.

<sup>10</sup>No livro seguinte, *Indología*, escrito em 1926, Vasconcelos continuou mantendo uma visão positiva sobre o País: “El Brasil es el único país iberoamericano que logró escapar totalmente a las vicisitudes del caudillaje. De ahí que su historia sea una continua marcha acelerada” (VASCONCELOS, José. *Indología: Una interpretación de la Cultura Ibero-Americana*. París: Agencia Mundial de Librería, s.d., p. 149).

<sup>11</sup>Fora do espaçoso edifício da estação de trens, corriam “tranvías, autos, un movimiento ordenado y vivo, pero sin estruendo, semejante en eso a las ciudades europeas más bien que a las yanquis”, ainda que uma leve improvisação o fizesse recordar a alma das cidades do meio oeste americano (*op.cit.*, 1992, p. 73). São Paulo, “semilatino y novísimo”, surpreendeu Vasconcelos pela ausência de aglomerações, sujeira ou incúria municipal (*idem*, p. 81).

<sup>12</sup>VASCONCELOS, José. *Op. cit.*, s.d., p. 149.

<sup>13</sup>Nesse sentido, o discurso que leu na entrega da estátua de Cuauhtémoc seria paradigmático (VASCONCELOS, José. *Op.cit.*, 1993, pp. 92-97). Ao narrar como o último imperador asteca havia lutado até o fim pela integridade de sua cultura, com o que tratava de criar uma analogia entre o passado indígena e a situação latino-americana diante dos Estados Unidos, Vasconcelos acabou mesclando à história de Cuauhtémoc episódios relacionados a outro herói indígena antilhano. Quando lhe comentaram o seu equívoco não se perturbou: “No hago historia; intento crear un mito” (*idem*, p. 132). Nesse discurso, Cuauhtémoc também seria apresentado como uma imagem alegórica do futuro para os povos ibero-americanos: “Cuauhtémoc renace porque ha llegado, para nuestros pueblos, la hora de la segunda independencia, la independencia de la civilización, la emancipación del espíritu, como corolario tardío, pero al fin inevitable, de la emancipación política” (*idem*, p. 95). No México, a entrega da estátua seria amplamente divulgada na imprensa. O *Excelsior*, jornal situacionista, elogiaria o discurso de Vasconcelos e as palavras de improviso de Pessoa, salientando o exemplo de Cuauhtémoc acerca de “hasta donde debe llegarse en la defensa de la independencia de las instituciones y de los hogares patrios” (El monumento a Cuauhtémoc en el Brasil. In: *Excelsior*, México, 13 sep. 1922, p. 1). No Brasil, a entrega da estátua também receberia uma ampla cobertura. A *Revista da Semana* dedicaria duas páginas

de fotos ao evento (*Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 39, 23 set. 1922). Sobre a visita de Vasconcelos ao Brasil, consultar TENORIO, Mauricio. A tropical Cuauhtémoc: celebrating the cosmic race at the Guanabara Bay. In: *Anales del Instituto de Investigaciones Estéticas*, 65, México: UNAM, 1994, pp. 93-138.

<sup>14</sup>Sobre o plano de propaganda desenvolvido pelo governo mexicano na América Latina, consultar YANKELEVICH, Pablo. Las campañas pro México: estrategias publicitarias mexicanas en América Latina (1916-1922). In: *Cuadernos Americanos. Nueva Época*. año IX, vol. 1, 49, ene.-feb., 1995, pp. 79-95.

<sup>15</sup>YANKELEVICH, *Idem*, pp. 92-93. O número de ateneístas que trabalharam como diplomatas nos países sul-americanos é significativo. Além de Fabela, Reyes e Caso, Yankelevich menciona Luis Cabrera, Enrique González Martínez e Jesús Urueta. Tal fato denota não apenas a atenção preferencial dada pela política exterior mexicana aos países da América do Sul, como a importante colaboração entre intelectuais e políticos. Além disso, comprova a influência exercida pelos intelectuais ateneístas no contexto político pós-revolucionário.

<sup>16</sup>FELL, Claude. *Los años del águila*. México: UNAM, 1989, p. 596.

<sup>17</sup>*Revista da Semana*, 39, 23 set.; 45, 4 nov.; 46, 11 nov. 1922. A *Revista da Semana* chegou a reproduzir fotos e reportagens sobre a Independência brasileira, publicadas no México pela *Revista de Revistas* e pelo *Excelsior*. Ademais, publicou um artigo acompanhado de fotos sobre a comemoração da Independência brasileira no México, quando Obregón inaugurou a Praça Rio de Janeiro, na capital do país (*Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 46, 11 nov. 1922; 49, 2 dez. 1922). A *Revista do Brasil* afirmava haver sido o México “a grande república da América do Norte”, o país “vitorioso na nossa Exposição do Centenário” (Debates e pesquisas. In: *Revista do Brasil*, São Paulo, vol. 22, 87. mar. 1923, p. 273). Sobre o Pavilhão do México na exposição do Rio de Janeiro, consultar ALANÍS DE ANDA, Enrique. *La arquitectura de la Revolución Mexicana*. México: UNAM, Instituto de Investigaciones Estéticas, 1990, pp. 67-69.

<sup>18</sup>CARVALHO, Ronald. *Toda América*. Rio de Janeiro: Pimenta de Mello & Cia., 1926.

<sup>19</sup>CARVALHO, Ronald. *Imagens do México*. Rio de Janeiro: Anuario do Brasil, s. d.

<sup>20</sup>VERÍSSIMO, Êrico. *México: história duma viagem*. 3.a ed. Porto Alegre: Globo, 1964.

<sup>21</sup>Carta de Reyes a Pellicer, s.d. Correspondência inédita. Acervo da Capilla Alfonsina, México. É interessante observar que Reyes reelaborou esta carta em forma de versos, acrescentou-lhe data e lugar (“A bordo del ‘Vauban’, 20 de junio, 1927”) e a incorporou como o poema de abertura da seleção “Por el plata (1927-1929)”, na seção Repaso poético: 1906-1958, de sua *Constancia poética*. REYES, Alfonso. *Constancia poética. Obras Completas*, vol. X, México: Fondo de Cultura Económica, 1959, pp. 246-247.

<sup>22</sup>*Idem*.

<sup>23</sup>Alfonso Reyes esteve no Brasil durante três períodos. Como embaixador, de 1930 a 1934

e de 1935 a 1936, e como comissionado especial para a resolução de assuntos econômicos, durante nove meses, em 1938 (REYES, Alicia. *Genio e figura de Alfonso Reyes*. 2.a ed. México, ExLibris, 1997, pp. 252-253).

<sup>24</sup>Carta ao também ateneísta Genaro Estrada, com quem Reyes se correspondeu durante anos e que, nessa época, era o ministro das relações exteriores do México. *Apud* CURIEL, Fernando. Cartas fluminenses. Los comienzos en Río. 1930-1932. Alfonso Reyes. In: *Revista da Universidad Nacional Autónoma de México*. México, vol. XLIV, 460, mayo 1989, p. 11.

<sup>25</sup>Em agosto de 1931, escreveu o artigo Sobre la reforma de la ortografía portuguesa, publicado na revista *Sur*, de Buenos Aires (REYES, Alfonso. *Norte y Sur; Historia natural das Laranjeiras. Obras Completas*, vol. IX, México: Fondo de Cultura Económica, 1959, pp. 57-60).

<sup>26</sup>Entre outras atribuições importantes, Reyes firmou o Acordo Comercial entre México e Brasil (7 de dezembro de 1932), presidiu a delegação mexicana na Assembléia Inaugural do Instituto Panamericano de Geografia e História (Rio de Janeiro, de 26 de dezembro de 1932 a 6 de janeiro de 1933) e firmou, como representante do México, o Pacto Antibélico “Saavedra Lamas” com Brasil, Argentina, Uruguai, Chile e Paraguai (Rio de Janeiro, 10 de outubro de 1933). REYES, Alicia. *Op.cit.*, p. 252.

<sup>27</sup>Carta de 15 de fevereiro de 1933. Correspondência inédita. Acervo da Capilla Alfonsina, México. A correspondência de Lacerda constitui-se de quatro cartas enviadas entre 1932 e 1934. Segundo o conteúdo das cartas, Lacerda esteve com Reyes em várias ocasiões, inclusive em um encontro com o escritor estadunidense Waldo Frank, amigo do mexicano.

<sup>28</sup>Carta de 5 de maio de 1932. Correspondência inédita. Acervo da Capilla Alfonsina, México. Cecília Meireles e Reyes se corresponderam com relativa assiduidade de 1931 a 1933. Nesse período, Reyes lhe propôs livros e revistas mexicanos sobre educação e cultura popular e Meireles aproveitou o espaço da coluna “Página de Educação”, que manteve até 1933 no jornal *Diário de Notícias*, para difundir temas mexicanos. A partir de 1934, a correspondência diminuiu, mas se conservou até 1940.

<sup>29</sup>Composto de catorze números, editados pelo autor —o primeiro em junho de 1930, no Rio de Janeiro, o último em julho de 1937, já em Buenos Aires—, *Monterrey* circulou entre vários escritores brasileiros. Ver *Monterrey*. Primera edición facsimilar, Colección Revistas Literarias Mexicanas Modernas. México: Fondo de Cultura Económica, 1980, pp. 95-242.

<sup>30</sup>À parte algumas breves referências a autores brasileiros, principalmente nas seções de correspondência e de publicações recebidas, o correio traz muito pouco acerca do Brasil. No quinto número da publicação, o poeta Ronald de Carvalho publicou, em português, um pequeno artigo sobre a tradução de um poema de Amado Nervo. Além disso, os leitores puderam acompanhar a notícia da *muerte* do consagrado escritor Graça Aranha (*Monterrey*, 5, jul. 1931. 1980, pp. 143; 145, respectivamente). No número 7, o Rio de Janeiro ocupou a primeira página da publicação, como cenário das aventuras do escritor Paul Morand (*Monterrey*, 7, dic.1931. 1980, pp. 159-160). Finalmente, no último número que editou no Brasil, o País esteve presente em dois textos. O primeiro foi uma carta sua ao dire-

Regina Aída Crespo

tor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Nela, Reyes falava sobre a estátua da deusa Xochipilli que presenteou ao Jardim em nome do governo mexicano, para *hazer* companhia à de Cuauhtémoc. O segundo texto foi uma crônica ilustrada com um desenho do artista brasileiro Candido Portinari. Nela, Reyes mencionava uma visita de Maximiliano ao Brasil e analisava a amapola silvestre como um símbolo da amizade entre o Brasil e o México (*Monterrey*, 13, jun. 1936. 1980, pp. 219-223).

<sup>31</sup>REYES, Alfonso. *Op.cit.*, vol. IX, pp. 463-497.

<sup>32</sup>REYES, Alfonso. México, Obregón, 1955.

<sup>33</sup>REYES, Alfonso. *Op.cit.*, vol. X, p. 148.

<sup>34</sup>Veja-se, em primeiro lugar, “Salutación a Brasil”, um ensaio sobre o povo brasileiro, cujo “esforço secular” Reyes elogiava, recordando os *bandeirantes* civilizadores, os *sertanejos* em sua fortaleza rudimentar, e os buscadores de prata e diamante, semeadores de cidades e amansadores do solo: borracha, café, açúcar, algodão. Em segundo lugar, vale a pena mencionar “El Brasil en una castaña”, que desenvolve o tema do texto anterior (REYES, Alfonso. *Op.cit.*, vol. IX, respectivamente pp. 183-186; 187-195).